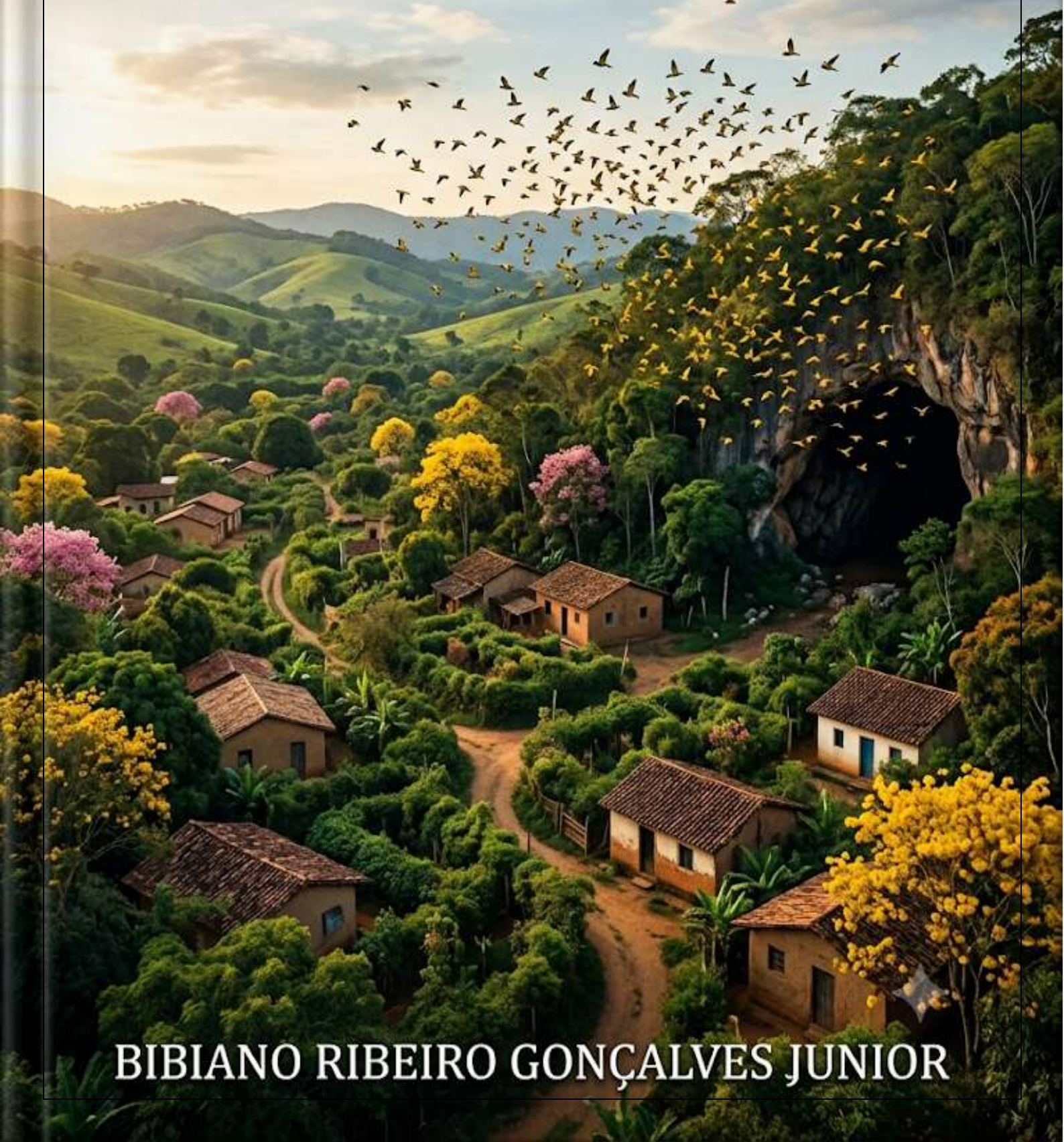


O VALE DOS IPÊS

O Mistério das Maritacas do Papo Amarelo



BIBIANO RIBEIRO GONÇALVES JUNIOR

O VALE DOS IPÊS

O Mistério das Maritacas do Papo Amarelo

UM CONTO ORIGINAL DE

BIBIANO RIBEIRO GONÇALVES JUNIOR

com colaboração parcial da I.A (capa e argumento)

Era para ser somente um dia de sol, com as nuvens bancando o quadro harmonioso no azul do céu. Era.

O que se viu a partir daquele estalido sonoro foi de um deslumbramento sem fim. Todos os moradores, de suas casas, acorreram no espaço dos quintais e, boquiabertos, tiveram os primeiros contatos com as criaturas voadoras.

Naquele povoado, beirando o Vale dos Ipês, a organização das casas é como os labirintos de roupagens verdes dos matagais e, sendo assim, entrevoar por elas torna-se missão difícil aos pássaros solitários, mas não aos bandos, de qualquer espécie e, em especial, das maritacas do papo amarelo. Então, o deslumbramento ocorreu porque centenas de milhares dessas maritacas vieram, em algazarra, fornecer o espetáculo da travessia desde a entrada do povoado até o final do vale. E ali, bem ao lado do bosque, fica a gruta do portal misterioso e para lá se dirigiu todo o elenco das belas e barulhentas maritacas.

O som do estalido, que cruzara o horizonte momentos antes da revoada, ecoou nas mentes dos moradores do povoado como o romper de um velho lacre. As conversas nas calçadas cessaram imediatamente; o café que borbulhava nos fogões a lenha foi esquecido. Ninguém saberia explicar a origem daquele ruído seco, metálico e profundo, que pareceu brotar do próprio chão do vale antes de rasgar o céu. Quando o silêncio que se seguiu foi quebrado pelo clamor ensurdecido e festivo das aves, o espanto tomou conta de cada alma. As maritacas não apenas cruzavam o espaço; elas dançavam entre as copas dos ipês, ignorando a complexidade dos caminhos verdes que costumavam afugentar outras espécies.

O desaparecimento do bando para dentro da boca escura da gruta deixou o vilarejo imerso em um vazio sonoro desconcertante e cheio de perguntas. Cheio de muitas dúvidas.

O alvorecer do dia seguinte no Vale dos Ipês trouxe consigo uma atmosfera inédita e densa. A tradicional sinfonia das aves de todas as manhãs simplesmente não aconteceu. Não havia o canto dos canários, o piar dos bem-te-vis e nem mesmo o insistente cantar dos galos nos terreiros. O vilarejo acordou mergulhado em um silêncio absoluto e sufocante, como se a própria natureza estivesse prendendo a respiração após o evento do dia anterior.

Inquietos com a ausência de som, os moradores começaram a deixar suas casas mais cedo. Caminhando lentamente pelos labirintos de seus quintais verdes, ruelas, esquinas, eles convergiram naturalmente para a venda do Seu Domingos, o ponto de encontro central da comunidade. O cheiro de café fresco servido ali misturava-se com a tensão que pairava no ar. Rostos familiares trocavam olhares carregados de desconfiança e perplexidade. Angustiados!

Ao redor do balcão de madeira desgastada, os sussurros começaram a tomar forma, num movimento frenético e incessante. As pessoas mais velhas da localidade, cujas memórias guardavam fragmentos de histórias quase esquecidas, começaram a resgatar causos antigos sobre o vale.

Falava-se de tempos remotos, anteriores à fundação do próprio vilarejo, quando o lugar fora cenário de uma corrida febril por riquezas ocultas. Histórias de povos esquecidos e de como a gruta, ao lado do bosque, sempre estivera associada a ciclos estranhos de fartura e penúria, começaram a circular, transformando o desconforto do silêncio em uma crescente e coletiva curiosidade sobre o passado daquela terra.

As discussões na venda de Seu Domingos ganhavam contornos cada vez mais acalorados quando uma silhueta conhecida surgiu à porta, interrompendo repentinamente o falatório. Era Dona Santina, a moradora mais antiga e reclusa do Vale dos Ipês. Sua presença ali, por si só, já era um evento raro e motivo de espanto. Sem pronunciar uma única palavra, ela caminhou com passos lentos, mas firmes, até o balcão sob o olhar atento e respeitoso das pessoas.

Com as mãos calejadas pelo tempo, Dona Santina retirou de uma sacola de pano um objeto pesado e o depositou sobre o balcão. Era um caderno antigo, encadernado em um couro carcomido pelos anos e manchado de cinzas.

Seu Domingos, com permissão silenciosa da velha senhora, abriu as páginas amareladas, escritas com uma caligrafia trêmula, porém elegante e passou a observá-lo. Tratava-se do diário pessoal do fundador do povoado, um imigrante moscovita de nome Fiódor; documento este que muitos julgavam perdido no tempo. Passou então para as mãos de Valéria.

À medida que Valéria -moça decidida, inteligente e culta-, neta de Dona Santina, que a tinha acompanhado, lia os relatos em voz alta para os presentes, um arrepio correu pela espinha dos moradores. O diário revelava que as maritacas do papo amarelo não eram simples habitantes do vale, mas sim sentinelas ligadas à própria essência daquela terra.

Segundo as anotações de mais de um século atrás, o vale havia passado por uma profunda e violenta provação e parte das aves havia sido selada junto a um grande segredo, e por que não dizer, um grande mistério.

O texto antigo era claro: um novo bando só marcharia novamente em algazarra para o portal misterioso quando a terra

estivesse prestes a devolver aquilo que um dia foi enterrado à força.

A revelação contida no velho diário agiu como um rastilho de pólvora no espírito dos moradores. O temor diante do aviso ancestral misturou-se à urgência de proteger o vilarejo e compreender o que estava prestes a emergir do passado. Em uma decisão unânime, os moradores decidiram que era hora de quebrar o isolamento secular da gruta. Homens e mulheres se organizaram rapidamente, reunindo ferramentas de roçado, lampiões e cordas.

O mutirão partiu no início da tarde em direção ao bosque ao lado da gruta. O percurso, conhecido por ser um emaranhado quase intransitável de vegetação e labirintos verdes, revelou uma surpresa impressionante. O matagal parecia ter cedido; os galhos e cipós estavam curvados e afastados, criando uma trilha perfeitamente moldada, como se a passagem recente das centenas de milhares de maritacas tivesse aberto o caminho à força para os humanos.

Ao alcançarem a entrada da gruta do portal misterioso, o grupo deparou-se com um cenário de puro deslumbramento e mistério. O ar ao redor da imensa fenda na rocha estava impregnado por uma leve luminescência, e milhares de pequenas penas amarelas flutuavam graciosamente no espaço, como poeira dourada suspensa no tempo. O silêncio sepulcral que antes dominava o vale ali não existia; em seu lugar, os moradores puderam ouvir e sentir um pulsar rítmico, grave e profundo, que emanava diretamente das entranhas da pedra, como se o próprio Vale dos Ipês possuísse um coração oculto que acabara de despertar.

Diante do pulsar misterioso da rocha, a multidão hesitou. O respeito e o temor pela gruta falaram mais alto, e o povo compreendeu que seria impossível entrar todos de uma vez. Após um breve sussurrar de opiniões, três nomes foram escolhidos para representar o Vale dos Ipês na empreitada de adentrar no interior da gruta: Seu Domingos, por sua sabedoria e prudência; o jovem Bóia, cuja agilidade e conhecimento profundo das matas eram incomparáveis; e Valéria, que trazia consigo o diário de couro e a coragem herdada de sua avó.

Enquanto o vilarejo aguardava em uma vigília tensa e silenciosa do lado de fora, os três investigadores escolhidos acenderam seus lampiões e cruzaram o portal de pedra. A escuridão inicial logo foi atenuada pelo reflexo dourado das penas que atapetavam o chão da caverna. À medida que avançavam, o pulsar subterrâneo tornava-se mais intenso, reverberando no peito de cada um deles.

No coração da gruta, os lampiões revelaram uma câmara monumental de proporções inacreditáveis. Ali, em um silêncio reverencial, repousavam as centenas de milhares de maritacas de papo amarelo, empoleiradas nas reentrâncias da rocha, imóveis como estátuas vivas. Seus olhos brilhavam suavemente voltados para o centro do salão, onde uma imensa estrutura mecânica de ferro e metal oxidado erguia-se do chão. Era a entrada de uma antiga mina subterrânea, selada há mais de um século, cujas engrenagens pareciam vibrar sob a pressão de algo que lutava para vir à tona. Prestes a explodir!

O impacto visual daquela câmara oculta e das aves sentinelas paralisou o trio por alguns instantes. Compreendendo a gravidade do que aquela antiga estrutura de mineração representava para o Vale dos Ipês, Seu Domingos fez um sinal dramático com a cabeça: precisavam voltar imediatamente e relatar o achado ao restante dos moradores. Para os três, a incursão sob a rocha não havia durado mais do que vinte ou trinta minutos de caminhada cuidadosa.

Contudo, no momento em que transpuseram a boca da gruta de volta ao ar livre, o mundo que conheciam havia desaparecido. O sol da tarde que banhava o Vale fora substituído por uma noite profunda e sem estrelas, dominada por uma lua cheia, anormalmente grande e prateada. O choque da transição temporal deixou Valéria, Bóia e Seu Domingos momentaneamente desorientados.

O cenário no bosque era ainda mais perturbador. Os moradores que haviam ficado à espera não estavam mais sentados ou conversando. Eles moviam-se em um transe coletivo, caminhando, com passos lentos e sincronizados, ao redor da entrada da gruta, como zumbis.

Seus olhos estavam fixos no vazio e, de suas bocas, brotava um sussurro uníssono e incompreensível, uma ladainha antiga que parecia imitar o próprio pulsar rítmico que os três escolhidos haviam escutado no interior da terra. O tempo havia se dilacerado, e o vilarejo estava sendo consumido pela memória do vale.

A urgência daquela noite eterna e o transe de seus amigos e parentes impuseram a Valéria, Bóia e Seu Domingos uma responsabilidade esmagadora. Eles eram os únicos despertos e imunes, protegidos talvez pelo vislumbre direto que tiveram da relíquia no coração da caverna. Enquanto os moradores em transe circulavam como sombras pelo bosque, Valéria sentiu o caderno de couro de sua avó aquecer e luzir em suas mãos.

Sob a luz da lua cheia, ela abriu o diário. Para seu absoluto assombro, as páginas em branco que ainda existiam começaram a ser riscadas com linhas e desenhadas muitas letras, com uma tinta invisível que brotava do próprio papel, escrevendo a história no exato momento em que ali acontecia. A caligrafia mágica explicava que o transe coletivo dos moradores era a "Memória da Terra", uma força ancestral que reivindicava a mente dos vivos para reviver e perpetuar a dor do dia em que a mina e os segredos do vale foram selados com inescrupulosa violência.

Valéria leu rapidamente as linhas recém-nascidas. O diário apontava uma única saída para libertar o povoado antes que a noite se tornasse permanente e as almas se perdessem no passado: era necessário quebrar o silêncio do vale com um som puro e esquecido. Eles precisavam alcançar a igreja abandonada do vilarejo e soar o velho sino de bronze, o único objeto forjado antes da tragédia secular e que permanecia imune à influência magnética da gruta.

Com o plano traçado pelas páginas místicas do diário, o trio iniciou uma corrida desesperada em direção ao vilarejo. No entanto, o Vale dos Ipês parecia não querer abrir mão de suas presas. À medida que avançavam, os labirintos de roupagens verdes nos matagais e quintais, mencionados desde os tempos antigos, pareceram ganhar uma vida própria e hostil, contorcendo-se sob a luz da lua.

As cercas vivas e os arbustos fechavam-se diante deles como barreiras deliberadas. Os caminhos conhecidos transformavam-se em armadilhas vegetais móveis, cujos galhos pareciam cochichar lamentos do passado. Bóia, demonstrando toda a sua perícia e coragem, assumiu a vanguarda. Com golpes precisos de seu facão de roçado, ele abria caminho através do cerco verde, enquanto Seu Domingos amparava Valéria, garantindo que o diário permanecesse seguro.

A fuga pelos labirintos verdes do bosque transformou-se em um teste de resistência física e psicológica. Os galhos arranhavam suas roupas e a terra parecia querer sugá-los através dos pés, mas a visão da silhueta escura e imponente da velha igreja de pedra mantinha o trio focado. Após um último esforço heróico, eles romperam o escudo da vegetação e desimpedidos, pisaram no terreno sagrado da antiga praça, alcançando as portas da igreja abandonada.

Sem perder tempo, Seu Domingos, Bóia e Valéria arrombaram as pesadas portas de madeira da igreja e correram em direção à base do campanário. Subindo as escadas em caracol, cujos degraus de madeira rangiam e ameaçavam ceder sob o peso da urgência, eles finalmente alcançaram o topo, onde o imenso sino de bronze repousava coberto de poeira e esquecimento.

Unindo suas forças, os três agarraram a velha corda de estopa, que teimava em permanecer robusta e íntegra. Com um puxão violento e coordenado, moveram o pesado metal. O som que se seguiu foi uma explosão de vida: o badalar forte, claro e ressonante do sino ecoou pelas colinas, quebrando instantaneamente a rigidez do silêncio e a opressão da noite eterna. O som expandiu-se em ondas por todo o Vale dos Ipês.

No exato instante em que o eco do sino atingiu a gruta, um forte estrondo, pacífico e definitivo, ressoou das profundezas. Explosão!

A antiga mina desabou sobre si mesma de forma controlada, enterrando para sempre a ganância, as mágoas e as dores do passado que assombravam aquela terra, aquele povoado. Imediatamente, o transe dos moradores desfez-se como fumaça e a lua gigante cedeu lugar ao surgimento majestoso de um novo dia de sol.

Do portal da gruta, libertas de seu fardo de sentinelas, centenas de maritacas do papo amarelo ganharam os céus em uma algazarra festiva e deslumbrante, num vai e vem coordenado, colorindo o azul do céu e voando livremente pelos labirintos verdes, agora consagradas como as eternas guardiãs da paz restabelecida no Vale dos Ipês.

Fim

Votuporanga SP, ano 2026

Era para ser somente um dia de sol, com as nuvens bancando o quadro harmonioso no azul do céu. Era...

O que se viu a partir daquele estalido sonoro foi de um deslumbramento sem fim; toda a gente, em suas casas acorreu ao espelho dos quintais e, boquiabertas, tiveram os primeiros contatos com as criaturas voadoras.

Naquele povoado, beirando o vale dos ipês, a organização das casas é como os labirintos de rampagens verdes dos matacões e sendo assim entrever por elas torna-se missão difícil aos pastores solitários mas não aos bandos, de ~~todas~~ ^{qualquer} espécies, e em especial das maritacas do papo amarelo.

Então, o deslumbramento ocorreu porque centenas de milhares dessas maritacas vieram, em algazarra, fornecer o espetáculo da travessia desde a entrada do povoado até o final do vale; e ali, bem ao lado do bosque, fica a gruta do portal misterioso. E para lá se dirigiu todo o elenco das belas maritacas e barulhentas.

